

SEXUALIDADE EM REDE: A PROSTITUIÇÃO VIRTUAL E SEU CONSUMO NA PANDEMIA

GABRIELA PECANET SIQUEIRA¹; RAFAELA GARCIA GIMENES²; MARTHA RODRIGUES FERREIRA³; HELOISA HELENA DA SILVA DUARTE PEREIRA⁴; LOUISE PRADO ALFONSO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecanet@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelagimenes3@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – martharof@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – heloisaa.sdp@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A prostituição hoje é uma atividade deslegitimada socialmente e desprovida de proteção trabalhista no Brasil, mas em outros contextos não ocupou tal posição. Na Grécia antiga, por exemplo, era um elemento presente na vida social e considerada importante, as cidades não puniam quem a praticava ou os bordéis, que, inclusive, trabalhavam à vista da população. Na própria cerâmica grega é possível conhecer a vida das prostitutas que eram enquadradas em diversas categorias, algumas delas participando ativamente de eventos oficiais.

Na modernidade a prostituição se complexifica. A acumulação primitiva (MARX, 1867 *apud* FEDERICI, 2017), responsável pela acumulação de diferenças da classe trabalhadora, a constituição da indústria cultural (ADORNO, 2008) e a formação da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1967) corroboraram com a classificação e exploração dos corpos das mulheres através do trabalho sexual. O uso cada vez maior das mídias e avanço célebre da tecnologia no século XIX e XX têm promovido diferentes meios para isso.

No contexto de pandemia da Covid-19, a internet passa a ser um dos poucos ambientes seguros, constituindo um importante meio de comunicação. A virtualização das relações sociais, que já estava em curso como consequência da midiatização (SILVA, 2017), é potencializado. A virtualização dos corpos, dos desejos, dos interesses, das interações entre as pessoas se intensificam e, assim, passam a estar mais presentes no ciberespaço, contribuindo com o surgimento de novas trocas sexuais, como o *camming*. Em outras palavras, o ciberespaço também se apresenta tanto como uma alternativa “para extravasar a libido quarentenal” através do sexo virtual (*idem*) como meio de auferir renda.

O projeto “Mapeando a noite: o universo travesti” surgiu em 2016, após discussões a respeito da prostituição e travestilidade - principalmente - nas ruas noturnas na cidade de Pelotas. Em 2015, após conversas com travestis e transexuais que utilizam as ruas do centro de Pelotas como pontos de trabalho, houve uma demanda, por parte de algumas pessoas desses grupos, para que existisse uma visibilização dessas comunidades, através de ações efetivas para reduzir os estigmas que permeiam tanto as questões de gênero, quanto o universo da prostituição. Assim, este projeto visa entender o universo das travestis, de transexuais e de mulheres no trabalho sexual, e suas relações de trabalho e de afeto nesse universo.

Neste contexto, o projeto desenvolveu o workshop “Sexualidade em rede: pornografia, trabalho sexual e seu consumo na pandemia”, que ocorreu na tarde do dia 11 de junho de 2021. O evento contou com a parceria do projeto CISGES da Universidade Santo Amaro (UNISA) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial (Epoché), do curso de Psicologia da



UFPel; e, com a participação do Núcleo de Estudos AfroBrasileiros e Indígenas - NEABI, do Colégio Municipal Pelotense.

2. METODOLOGIA

A partir da constatação da incidência de questões relacionadas às várias modalidades de trabalho sexual nas mídias sociais, especialmente no atual contexto de pandemia, integrantes do projeto “Mapeando a noite” buscaram explorar esta realidade por meio do fazer antropológico (com a netnografia), relacionando conceitos da área para uma discussão em grupo. Assim, o formato escolhido para ação foi a de um workshop, que permite tanto a exposição como a discussão de determinado tema.

Posteriormente, a fim de somar às possibilidades de debate, foram convidados os projetos CISGES/UNISA e Epoché/UFPel para contribuírem. No mesmo sentido, o convite foi estendido a docentes do ensino municipal, por tratarem-se de multiplicadores/as/us das reflexões e por ter sido, sobretudo, evidenciado um aumento considerável de pessoas jovens ingressando nesta atividade durante a pandemia.

O encontro ocorreu pela plataforma *Google Meet* e foi dividido em dois diferentes momentos. O primeiro com falas de integrantes dos projetos a respeito da sexualidade, a partir das perspectivas da História, da Arqueologia, da Psicologia e da Antropologia. Cada apresentação teve auxílio de slides, elaborados previamente com materiais didáticos - com conceitos chave para as reflexões e com auxílio de recursos imagéticos. Após, foi aberto espaço para que todos participantes pudessem fazer colocações e questionamentos, permitindo trocas de conhecimentos sobre os assuntos tratados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O workshop contou com três apresentações. A primeira apresentação foi realizada pelo projeto CISGES, que teve como objetivo trazer um breve histórico da prostituição no mundo antigo, sob o ponto de vista Histórico e Arqueológico, com foco na historicização de aspectos da vida das mulheres prostitutas e a transformação do papel social ao longo da história, desde a prostituição sagrada, ligada à rituais de fertilidade até a profanação do sexo ligado às mulheres públicas, tornando-as estigmatizadas e marginalizadas na sociedade. A segunda, por parte do grupo Epoché, buscou apresentar a perspectiva do campo da Psicologia a partir dos estudos de fenomenologia, dialogando com aspectos históricos, filosóficos, sociais e fisiológicos, entre outros, articulados ao psiquismo e aos processos de produção de subjetividade. Dentro dessa complexidade, explorando a esfera do desejo como um espaço privilegiado de discussão.

Já a terceira apresentação foi desenvolvida pela equipe do projeto Mapeando a noite, que primeiro localizou a construção da imagem da mulher e a conceituação das várias formas de trabalho sexual. Assim, foram apresentados os estereótipos que surgem da categoria mulher, no séc. XIX, como “rainha do lar” e “mulher da vida”, definindo a mulher ou como honesta, que se dedicava integralmente ao lar e dessexualizada (RAGO, 1991), ou como mulher da vida, que era toda a trabalhadora que procurava auferir renda com a prostituição, por conta da baixa inclusão de mulheres nas fábricas na época e do salário inferior aos dos homens. Além disso, foi pontuado a relação da sexualidade e o trabalho reprodutivo na acumulação capitalista, momento em que o útero foi transformado em território político, controlado pelos homens e pelo Estado, pois a procriação



passou a ser vista como geradora de mão de obra para a indústria (FEDERICI, 2017).

Partindo para o contexto brasileiro, Prada apresenta o termo “trabalhadora sexual” e sua importância política no país, sublinhando que trabalho sexual é trabalho (PRADA, 2018) e que inclui uma série de modalidades, como prostituta, stripper, *cam girl*, entre outros, nos quais pessoas cis ou transgêneras se inserem por vários motivos, financeiro, curiosidade ou devido a flexibilidade de horários. Mas que para muitas realidades em vulnerabilidade, a prostituição é um trabalho possível, onde podem adquirir o sustento e até mesmo uma mobilidade social. Ainda, na visão da autora, o uso das mídias sociais pelas trabalhadoras sexuais trata-se de uma nova apropriação necessária na contemporaneidade.

Para explorar este último ponto, o grupo apresentou resultados de uma pesquisa etnográfica realizada em sites e plataformas de *camming* durante a pandemia da COVID-19. Iniciou explicando que o *camming* se configura a partir da existência de um ato sexual que tenha finalidade de satisfazer a libido do usuário/cliente, através de uma interação mútua e que seja mediado por uma *cam* (câmera de vídeo), ou seja, que haja estímulos audiovisuais. Prática que surgiu em 1990, nos EUA, mas que no Brasil “começou a se desenvolver a partir de 2002, mas somente em 2010 se ampliou e se popularizou nacionalmente” (CARMINHAS, 2020), o que pode estar associado a própria popularização e maior acesso das pessoas a computadores, a celulares e a internet no país.

Em seguida, a partir das incursões realizadas neste universo, o grupo expôs que uma das primeiras constatações levantadas foi a existência de um vocabulário próprio imerso em uma teia de significados. Os discursos adotados pelas plataformas, em seus próprios termos de uso, ao utilizarem expressões como “educação sexual”, para descrever seus fins, “modelos” ou “contratantes” para denominar as trabalhadoras sexuais. Outras questões também observadas foram as formas de pagamento, as porcentagens que os sites cobram ou não cobram sobre determinados conteúdos e o incentivo para que as modelos sejam “engajadas”, ou seja, produzam constantemente materiais, como fotos e vídeos.

A partir de várias outras observações e dados coletados a respeito desta prática, que tem se difundido entre jovens e adultos no ciberespaço, concluíram, buscando instigar a participação dos ouvintes, com as seguintes perguntas: Seria o *camming* trabalho sexual do futuro? A transformação das modalidades apresentadas é o trabalho sexual do futuro ou seria uma nova forma das pessoas lidarem com a sexualidade? Quais as consequências da ausência do contato físico da relação? É uma forma mais segura de trabalhar com o trabalho sexual?

Depois das apresentações, o público interagiu de forma constante, por meio do chat, com comentários e perguntas, ou se manifestando através de áudio. As contribuições foram dadas por pessoas de diferentes áreas, como Direito, Psicologia, Ciências Sociais, Antropologia, Turismo, entre outros. Muitos debates giraram em torno de como tratar destes temas em sala de aula e a importância da formação docente continuada em parceria com a Universidade.

4. CONCLUSÕES

O workshop fomentou a discussão a partir de olhares multidisciplinares, o que possibilitou um aprofundamento nos debates sob diferentes perspectivas, foi possível a aproximação de conceitos e teorias importantes nas Ciências Humanas, que articulados com a temática auxiliaram na reflexão crítica e que permitiram compreender o trabalho sexual como prática que carrega sentidos



particulares a depender do contexto temporal, espacial, cultural e político em que se encontre. E, para além do tema do trabalho sexual, foram debatidas questões relacionadas à sexualidade de forma mais ampla. Colocações de uma representante do NEABI do Colégio Municipal Pelotense, por exemplo, possibilitaram discussões a respeito de questões que surgem no âmbito escolar, enfrentados cotidianamente, como: vazamento de fotos íntimas, questões de sexualidade e gênero, despreparo para tratar certos temas nas escolas, a reação das famílias de estudantes quando estas temáticas são trabalhadas em sala de aula. Notamos que existe um tabu e distanciamento por parte do corpo docente municipal com as temáticas de sexualidade, gênero e trabalho sexual. Assim, evidencia-se a importância da parceria entre os cursos da UFPel entre si, com outras instituições, mas também com o ensino municipal de Pelotas.

No mesmo sentido, notamos que houve sensibilização de participantes sobre a relevância de se abordar as temáticas na educação, seja nas universidades ou no ensino fundamental e médio. Com o resultado do debate e a demanda do público a partir dos comentários, a equipe decidiu realizar uma segunda edição do evento para o segundo semestre, com a temática relacionada à discussão da sexualidade nas escolas, pois o workshop se revelou meio e processo importante de produção e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.. **Indústria cultural e sociedade.** São Paulo, editora Paz & Terra, 11ª edição. 2008.

CAMINHAS, L. R. P. **Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro: organização, estruturação e dinâmicas internas.** 232 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2020.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Editora Contraponto, Rio de Janeiro. 1967.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Trad. de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

PRADA, M. **Putafeminista.** Coleção Baderna. Editora Veneta, São Paulo, SP, 1a Ed. 2018.

RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminine em São Paulo (1890-1930).** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991.

RAMALHO, N. *O camming no Brasil: uma breve análise sobre a satisfação de necessidades eróticas e afetivas em tempos de pandemia.* In.: SILVA, M. C. de O.; SIQUEIRA, L. F. S. (Orgs.) **Diálogos contemporâneos: gênero e sexualidade na pandemia.** 1. ed. São Luís, MA: Editora Expressão Feminista, 2021.

SILVA, A. D. M. da. **Janela indiscreta: um estudo sobre sexo virtual, desejo e consumo no site câmera privê.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2017.